

## CAPÍTULO 7

### ARTE E REVOLUÇÃO

A efervescência cultural dos anos 1960, com suas nuances em meios como o teatro, as artes plásticas, a música, a literatura e o cinema, foi duramente reprimida pela política instaurada pelo golpe civil-militar. As ameaças a artistas e a censura de cunho político às suas produções já ocorriam nos primeiros anos do governo instaurado. No entanto, o meio artístico não era o principal alvo nesse primeiro momento, visto que a ditadura ainda tinha como foco a ideia de reprimir as organizações partidárias e banir da sociedade brasileira seus líderes políticos.

Após 1968, essa preocupação voltava-se também para as manifestações culturais. Alguns artistas e intelectuais que, até então, não eram considerados o perigo maior passavam a ser tratados como “subversivos” e tornavam-se suspeitos dentro da ótica do regime. Com a promulgação do AI-5, a perseguição a esses personagens foi mais contundente: vários artistas e intelectuais passaram com mais frequência a fazer parte dos interrogatórios das instituições repressivas do governo.

A arte era compreendida como uma forma de propaganda política. Através das artes, eram discutidos problemas sociais brasileiros, propagava-se a ideia de liberdade e experimentação aos moldes do

movimento da contracultura internacional, debatiam-se as propostas de luta política das esquerdas do país e, ainda, criticava-se e combatia-se a ditadura. Muitos desses artistas faziam parte de organizações armadas ou de partidos de esquerda e refletiam em suas produções suas formações políticas.

Com o lema “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, o *Cinema Novo* fomentava algumas dessas discussões. Nel-

3. A partir da década de 60, está aumentando o número de seguidores de GODARD ou do CINEMA POLÍTICO, buscando dilacerar os princípios éticos do povo e, mais ainda, desmoralizar os governos democráticos, promovendo a subversão e o comunismo. O filme político, através de técnicas minuciosamente estudadas, tem como fim precípua influenciar a opinião pública, destruindo psicologicamente o espectador. GLAUBER ROCHA e seus seguidores no BRASIL, querem implantar o cinema político, para com isso enganar o povo e levá-lo à agitação, à desordem política e à revolução. ////////////////

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA  
MANUTENÇÃO DO NÍVEL DESTA DOCUMENTO AN. RO - DO. N. 10.101.101.101  
Assinatura para Segurança de Arquivos  
(sigla)

SECRETARIA DE CULTURA  
POLÍTICA E ADMINISTRATIVO  
A \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
foD 26 4595

CONFIDENCIAL

Censura a Glauber Rocha

Fonte: Memória da Censura no Cinema Brasileiro (1964-1988)

Disponível em: <<http://www.memoriacinebr.com.br>>

Capa do programa do Show Opinião

Fonte: Acervo FUNARTE

son Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Glauber Rocha, Leon Hirszman e Paulo Cezar Saraceni eram alguns dos seus representantes e articuladores.

A música, nas suas diversas modalidades, era um *locus* de resistência e disputas ideológicas, em meio a tropicalistas, representantes da jovem-guarda e as denominadas “canções de protestos”. Essas disputas eram acirradas pelos festivais organizados por redes de televisão no final da década de 1960 e início dos anos 1970. Eram as competições nos “festivais da canção” que dividiam o gosto do público entre vaias e aplausos às canções defendidas pelos músicos. Nos anos 1960, consolidavam-se como grandes referências musicais na luta contra a ditadura: Geraldo Vandré, Nara Leão, Edu Lobo e Chico Buarque de Hollanda.

Dentre as formas de resistência por meio de expressões artísticas, o teatro foi um dos grandes expoentes da necessidade de ações revolucionárias, seja através de um debate existencial e crítico aos padrões impostos por costumes conservadores, seja discutindo e/ou incitando o povo a aderir às propostas de luta das esquerdas políticas.

O teatro Oficina, dirigido por José Celso Martinez, buscava a liberdade existencial e comportamental. O “teatro de agressão” iniciado com *Rei da Vela* (1967) e consolidado em *Roda Viva* (1968) trazia ao palco cenas de nudez, sexo e momentos em que os personagens dirigiam-se agressivamente aos espectadores. A ideia era fazer um teatro “contra o público”, criticando os padrões comportamentais da classe média.

O Teatro de Arena de São Paulo, que já colocava em pauta problemas sociais e políticos do Brasil desde os anos 1950, com o advento do golpe passou também a criticar a ditadura. Junto com o extinto Centro Popular de Cultura da UNE, o Arena produziu o show *Opinião* sob direção de Augusto Boal em 1964 no Rio de Janeiro, considerada uma das primeiras expressões artísticas de protesto contra a ditadura.

Propunha-se, assim, o engajamento político da arte como mecanismo de reflexão da realidade nacional e, sobretudo, o desenvolvimento de um teatro atuante na luta contra o regime militar. Depois do *Opinião*, Boal e os demais integrantes do Arena realizaram *Arena conta Zumbi* (1965) e *Arena conta Tiradentes* (1967), escritas por Guarnieri e Boal, que remetem aos personagens históricos para falar de opressão e luta pela liberdade. Em 1968, com a *1ª Feira Paulista de Opinião*, Augusto Boal propõe a necessidade de reunir toda a esquerda artística no combate às “forças reacionárias”, denunciando a ditadura e a censura.

A prisão passou a fazer parte do cotidiano de diversos artistas da época, nos seus mais variados posicionamentos políticos e esferas de atuação. A experiência no cárcere foi utilizada como fonte para criações artísticas desses presos, como o caso do artista plástico Carlos Zílio, que na prisão fazia desenhos





Augusto Boal

Fonte: Acervo Pessoal de Cecília Boal

em um bloco de papel com caneta *pilot*. As arbitrariedades e as torturas sofridas também foram temas de peças de teatro e da literatura, como no texto “A Medida do Homem” (1972) do poeta Waly Salomão, um dos integrantes do movimento da cultura marginal, integrado por Hélio Oiticica, Torquato Neto e demais representantes da música, cinema e artes plásticas.

Alguns artistas e intelectuais também se viram obrigados a partir para o exílio, onde continuaram a denunciar a ditadura brasileira. Participaram, ainda, das campanhas pela anistia no final dos anos de 1970 dentro e fora do Brasil. Um dos grandes hinos da anistia foi a música “O Bêbado e o equilibrista” (1979), composta por João Bosco e Aldir Blanc e cantada por Elis Regina.

“Naquela época, todos os espetáculos eram censurados. Primeiro, tinha que levar o texto para a censura e depois os censores iam ver o espetáculo. Não bastava o texto. Então, tinha um ensaio que era para a censura. Claro que isso incomodava a todo mundo, ao Boal também, que teve essa ideia [da *Feira Paulista de Opinião* em reunir vários artistas], mas mesmo assim foi proibido. Isso provocou uma grande mobilização de toda a classe teatral (Boal aproveitou para agitar bastante), que decretou estado de desobediência civil. E, assim, a gente ia de teatro em teatro e, em todas as noites, fazíamos um pedacinho da peça em teatros que nos acolhiam e permitiam que o elenco da *Feira* se apresentasse antes de seus espetáculos.”

#### Cecília Boal

Depoimento concedido ao projeto “Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil” (Equipe do Rio de Janeiro — UFRJ). Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2013.

#### Sugestões para trabalhar em sala de aula:

- Documentário *Uma Noite Em 67* (Diretores: Renato Terra e Ricardo Calil/ Ano: 2010);
- Documentário *Tropicália* (Diretor: Marcelo Machado/ Ano: 2012);
- Texto *Eztetyka da fome* de Glauber Rocha (1965)/ Disponível em: <<http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Textos/eztetyka.htm>>.